

ALBERTO PRADO GUIMARÃES

Sócio efetivo da SOCIEDADE de GEOGRAFIA de LISBÓA

05

Notas biográficas
sobre
o
Arcebispo

**Dom JOSÉ GASPAR
de AFFONSECA e SILVA**

Biblioteca Pública Municipal
Araxá

São Paulo
1963

BC
922
G97n

Biblioteca Pública Municipal
Araxá

36
922
697n

ALBERTO PRADO GUIMARÃES

Sócio efetivo da SOCIEDADE de GEOGRAFIA de LISBOA

Notas biográficas

sôbre

o

Arcebispo

PREFEITURA MUNICIPAL

Dom JOSÉ GASPAR
de AFFONSECA e SILVA

São Paulo

1963

*Do
Prezado amigo
Sr. Affonseca
José M. Quimoz
Ex. Postal 8250
S. Paulo Capital*



«Discurso pronunciado pelo eng. **Alexandre D'Alessandro**, no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, em nome da sua Comissão de História da Engenharia, na solenidade de posse do eng. Alberto Prado Guimarães, em 19 de março de 1963.»

«O Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo abre hoje as suas portas acolhedoras para receber um novo sócio. O acontecimento, em si, é um passo comum na vida real do Sodalício, cujo quadro social, dia a dia, se amplia e se engrandece, quantitativa e qualitativamente, com a aquisição de novos elementos desejosos de, trazendo para nós a sua cultura e o seu alto espírito de pesquisa, colaborar na grande obra de fixação e de reconstituição dos fastos no panorama geral da História do Brasil e, sobretudo, de São Paulo.

Mas hoje, um grupo de sócios desta casa, que naquele panorama se dedica com mais particularidade à História da Engenharia, quis dar ao acontecimento, a que agora estamos assistindo, um relêvo especial e um cunho carinhoso de alegria e de esperança, de confiança e de fé. É que estamos recebendo, como sócio do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, o Eng^o Alberto Prado Guimarães, que será daqui por diante uma coluna mestra no arcabouço promissor daquela especialização histórico-social.

Realmente, os homens que aqui labutam para que se firme na consciência de nós todos a certeza que, a História da Engenharia, antes de ser uma simples e árida descrição de fatos relacionados com a ciência pura ou decorrentes da técnica aplicada, é um manancial maravilhoso para o esclarecimento e fixação do nosso desenvolvimento econômico-social, terão em Alberto Prado Guimarães um grande estímulo e um grande companheiro para a jornada apenas iniciada. Aqueles homens, tendo à frente os engenheiros-historiadores: Mário Leite e Mário Savelli, com o apagado concurso do humilde orador, que estais ouvindo, como que esperavam a chegada do brilhante colega e consócio, Eng^o Alberto Prado Guimarães, para o aceleração dos seus trabalhos, contando com a valiosa colaboração, que êste lhes dará, por certo, ajudado pelos seus acentuados pendores de pesquisador histórico e pela sua notável cultura histórico-social, tudo já posto à prova nesta mesma sala.

O nosso novo consócio tem o curso de humanidades do afamado Ginásio de São Bento, desta Capital. Coursou a Escola Politécnica de São Paulo — a tradicional Escola da Rua Três Rios — fundada e inicialmente dirigida pelo genial educador Dr. Antonio Francisco de Paula Souza. O término dos seus estudos de engenheiro, entretanto, deu-se na Escola Politécnica do Rio de Janeiro. Foi Presidente do Grémio Politécnico daquela Escola. E uma das facetas mais brilhantes da sua vida de cidadão profissional é a que marca a sua destacada atuação na Epopéia Paulista de 1932, em cujo desenvolvimento foi Delegado Técnico em Silveiras e em Itatiba, fazendo parte daquela gloriosa brigada de engenheiros, que cuidou do entrosamento militar com a população civil, sabendo e prevendo na retaguarda para prover nas linhas avançadas. É, assim, um autêntico herói da Revolução Constitucionalista e receberá em breve a medalha de valor, que àquela falange de bravos vai ser outorgada, conforme trabalhos da Divisão de História da Engenharia, do Instituto de Engenharia.

Alberto Prado Guimarães tem, também, se ocupado das questões agrícolas e rurais, dedicando-se especialmente ao café e ao algodão como

um verdadeiro líder das classes respectivas. De 1945 a 1946 foi Presidente da União dos Lavradores de Algodão e até há pouco Presidente da Associação dos Usineiros de Algodão do Estado de São Paulo. Sôbre a matéria, tem colaborado na imprensa diária de São Paulo e feito inúmeras conferências em várias oportunidades.

É autor de «Portugal, o bandeirante da Europa»; «O espírito de Marília»; «A Lavoura e a Indústria»; «O Algodão na Atualidade Brasileira»; «Martinico Prado, sua vida e sua obra»; «Rodrigues Alves, o economista»; e várias outras memórias e comunicações em congressos e mesas redondas. É sócio da Sociedade Rural Brasileira e do Instituto de Engenharia, neste fazendo parte da Respectiva Divisão de História da Engenharia. Publicou recentemente: «Conferência sôbre Eduardo Prado» e «Primeiras Jornadas Luso-Brasileiras de Engenharia Civil». É sócio efetivo da Sociedade de Geografia de Lisboa.

Em rápidas pinceladas, é êsse o sócio, que hoje recebemos, e a quem já reservamos uma soma enorme de trabalhos aos quais êle dará cabal desempenho.

E, já de pronto, aí está a concretização do nosso Museu Ferroviário, monumento histórico, que está sendo levado a efeito em São Paulo por aquêl grupo de trabalho, citado no início, e agora sob a égide tripartida entre o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, O Instituto de Engenharia e o Govêrno do Estado, conforme Decreto dêste de 29 de Janeiro do corrente ano. Isso porque o campo-ferroviário nacional tem uma história de mais de cem anos já e tanto tem influido na própria história da centúria, que é nos seus arquivos que se hão de encontrar os subsídios para o estabelecimento da verdade histórica, naquilo que se relaciona com o nosso desenvolvimento político, econômico e social.

Principalmente para êsse empreendimento, Alberto Prado Guimarães traz sobêjas credenciais, pois sabemos o quanto é êle dedicado à idéia, conforme temos verificado no seu amável convívio, do qual temos participado longamente e com real proveito para nós.

Assim, pois, os engenheiros desta casa, responsáveis diretos e (porque não dizer?) interessados também pela entrada de Alberto Prado Guimarães para o nosso quadro social, pedem aos demais ilustres consócio que o recebam, também, com o seu mais animador entusiasmo e um grande crédito de confiança, do qual nos constituímos em prezeirosos fiadores.»

T. D.

Notas biográficas lidas pelo Eng. ALBERTO PRADO GUIMARÃES, no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, em 19 de Março de 1963, sobre DOM JOSÉ GASPARD DE AFFONSECA e SILVA.

Temos gratíssima recordação de quando pela primeira vez assistimos a uma reunião solene neste augusto sodalício, de tão venerandas tradições no meio intelectual paulistano. Iniciava o grande Arcebispo D. Duarte uma série de memoráveis conferências sobre «O clero e a Independência», onde o fino labor da linguagem escorreita e a elevação dos conceitos se casavam com a dignidade por todos respeitada, do virtuoso Pastor de Almas, que muito serviu à Igreja e tanto engrandeceu a que era ainda há pouco a maior Arquidiocese Católica do mundo. E sentimos nas suas palavras apostolares, na sua voz vibrátil, nos gestos largos, na evocação erudita e, mais que tudo, na argumentação rica, seriada e convincente, aliada à probidade perquisitiva, toda a grandeza deste Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, e, pelos aplausos da seleta assistência, sentimos, também toda a esplendorosa fascinação deste aereópago magnífico da alta cultura bandeirante.

Entretanto, o que não nos era dado prever, e, muito menos, ambicionar há 40 anos atrás, neste momento se realiza, como prêmio imerecido, através deste convite generoso de três colegas e amigos — MARIO LEITE, MARIO SAVELLI e o ilustre e sempre aplaudido escritor e poeta, ALEXANDRE D'ALESSANDRO —, trazendo-nos ao seu convívio nesta assembléia de exímios cultores das Letras e dos Estudos Históricos. Deste último, ouvimos agradecido palavras amáveis a nosso respeito — saudação peregrina de bom companheirismo — palavras que, além do estímulo, trazem um desafio, por nós aceito com agrado, no sentido de difundir a História da Engenharia no Brasil.

E não menor, confessamos, a honra e a satisfação de, homenageando a figura imortal de D. Duarte, ser escolhido para nosso patrono o seu condigno e saudoso sucessor — D. JOSÉ GASPARD DE AFFONSECA e SILVA, de quem nos cabe traçar, ainda que modestamente, o perfil nesta solenidade, revestida de galas, sabemos bem, por força da magia desse nome, cuja simples enunciação atrai os mais belos e melhores espíritos de nossa abençoada terra de Piratininga. E, assim, à sombra de um grande e santo Arcebispo, tão somente pela rememoração dos seus feitos, dar-se-ia o milagre de passar despercebida a desvalia do recipiendário.

D. JOSÉ GASPARD DE AFFONSECA e SILVA nasceu em Araxá, Estado de Minas Gerais, aos 6 de Janeiro de 1901, sendo seus pais o Sr. Sebastião de Affonseca e Silva e D. Prosolina Porfírio de Almeida. Ao batizar-se em 12 de Fevereiro de 1901, teve como padrinhos, o avô paterno Sr. João Maximiano de Affonseca e Silva e a tia-avó, D. Bernardina Leopoldina de Jesus, a qual ao nome de JOSÉ, escolhido pelos pais, juntou o de **Gaspar**, por ter nascido o menino no dia de Reis. Eram doze irmãos, sendo duas irmãs de Caridade.

Desde criança, acompanhou com respeito a piedosa tarefa do pai zelador da capela do Santíssimo da Igreja Matriz, onde, junto ao Tabernáculo, quotidianamente, fazia as suas orações. Ao aprender o catecismo, fez-se coroinha. Conta-se que, nessa época, tinha por especial predileção o «celebrar» a missa, como que renunciando o chamado ao sacerdócio.

Em 25 de Fevereiro de 1912 matriculou-se sob o nº 167, no Colégio de São Luís, dos padres jesuítas, em Itú, onde continuou assíduo aos exercícios do culto, tendo recebido o apelido de «Vigário». No colégio foi aluno distinto e presidente da Congregação «Mater Pietatis». Acudindo à vocação, entrou em Dezembro de 1916 para o Seminário de São Paulo, onde foi estudante aplicado e geralmente estimado por professores e colegas. Aos 12 de Agosto de 1923 foi ordenado sacerdote por D. Duarte Leopoldo e Silva, na Igreja de Santa Cecília, em São Paulo. Em louvor de seu torrão natal, cantou a sua primeira missa na Igreja Matriz de Araxá, em 15 de Agosto de 1923.

Compleição delicada, altura mediana, tez moreno-pálida, cabelos negros, olhar mixto de inteligência e bondade, um sorriso perene e indulgente que escondia o ânimo inquebrantável, gesticulação que se abria acolhedora — num todo físico belo e cativante, — eis os traços do novo padre.

Exerceu o cargo de coadjutor da Paróquia da Consolação, já naquele tempo, como atualmente, entregue aos cuidados de Mons. Francisco Bastos. Com êsse digno pároco se extremou em abrigar no próprio templo os refugiados da revolução de 1924. Nesse mesmo ano, partiu para a Europa e ingressou em Roma no afamado Colégio Pio Latino Americano e, pouco mais tarde, na Faculdade de Direito da Universidade Gregoriana, em que se doutorou com honras em 21 de Julho de 1926. Já nessa época, pelas suas virtudes e pela sua aplicação foi eleito presidente da Academia «Beato Inácio de Azevedo», — nome com que em 1942 titulou uma paróquia em Sto. André, então da Arquidiocese de São Paulo.

A propósito dessa eleição, ouça-se Mons. Castro Nery, seu companheiro de sempre :

«Só quem sabe quando era cobijado êsse posto, é que pode dar valor à eleição de Affonseca. Seu triunfo nessa ocasião não foi apenas para nós os do Brasil, animadas as outras nações, ali representadas, por elementos muitas vêzes mais numerosos, mas a vitória da caridade sôbre o orgulho, da afabilidade sôbre a rispidez, do mais autêntico espírito eclesiástico sôbre as pequenas rivalidades internacionais.»

Tomando férias, em fins de 1926 visitou o Oriente e os Lugares Santos, peregrinação que lhe acrisolou as suas piedosas e inatas inclinações. De volta, em princípio de 1927 recebeu carta de D. Duarte para lecionar no Seminário Maior de São Paulo. Aportando ao Brasil, entretanto, quis, antes de tomar outra incumbência, passar um mês no aconchego carinhoso do lar Paterno, dando com isso aos parentes e amigos mineiros, e, sobretudo, aos bons pais, a maior das satisfações. Por certo, movido pela gratidão e influenciado por expressões antológicas que ressumem suaves de pastoral de seu antecessor :

«Mas é sobretudo a mãe — êsse anjo do lar, cujas asas velam de contínuo sobre os filhinhos apenas emplumados — que mais seguramente penetra os segredos de uma vocação divina. A mãe, cujos carinhos parecem refletir alguma cousa do céu, encontra sempre, no tesouro de sua fé, segredos de ternura com que inspira o amor da virtude, amparando o coração franzino que, mal desabrochado para o mundo, se volta

para Deus. E depois... nos sonhos de ventura que lhe sorriem nas asperezas do lar, ela contempla-o vestido de negro, desprezado talvez, quase sempre pobre, mas aureolado de um nimbo de majestade, que lhe emprestam os reflexos do altar. É o pontífice sagrado que abre as portas do céu, para de lá trazer uma chuva de bênçãos.»

Foi nomeado para reger as cadeiras de Teologia Moral e Direito Canônico, de sua especialidade, não há dúvida, mas o que pode surpreender é que também lhe confiassem as de Egiptologia e História da Arte. Não fôsse êle um estudioso da História, como no-lo diz Castro Nery, em relatando a vida do estudante mineiro :

«Tomou-se de entusiasmos para com as pirâmides do Gisé e passou longo tempo a estudar-lhes o passado.»

Sôbre as leituras de D. José Gaspar, ouça-se êste trecho dêsse mesmo seu inseparável companheiro de estudos :

«Em literatura pendeu sempre para os generos graves. Seu gôsto literário o conduzia para o discurso e para a História.»

Conta-se que ministrava aulas com rara inteligência, fluência verbal e conhecimentos profundos, frutos de diuturnas, elucubrações. Além do mais, sua presença simpática, bondosa e lhana, atraía a cátedra tôda a atenção dos semináristas, ao mesmo tempo que se lhe adestrava a expressão para os rasgos oratórios e firmeza de conceitos, com que mais tarde iria exercer fascínio sôbre os mais variados auditórios e nas mais multifárias circunstâncias.

Em 24 de Fevereiro de 1933, substitui, a princípio interinamente e no ano seguinte em caráter definitivo, na Reitoria do Seminário o Padre Alberto Teixeira Pequeno, nomeado que foi êste extraordinário educador, para Visitador Apostólico dos Seminários do Brasil.

A identidade de propósitos, entre essa figura notável de prelado que era Mons. Alberto Teixeira Pequeno e a ampla e segura visão do mais tarde Arcebispo D. José Gaspar, parecia fadada por Deus a juntos seguirem, após a missão cumprida, para a Morada Eterna.

Ao obstinado esforço do incansável reitor deve-se, sem dúvida, a obra grandiosa de se construir em pouco tempo, o novo Seminário Central do Ipiranga, em terreno doado pelos Condes Vicente de Azevedo (terreno avaliado hoje em mais de meio bilhão de cruzeiros).

É que não medindo dificuldades em período de crise asfixiante, assim mesmo não quis o jovem reitor deixar em meio a obra iniciada e que tão bons trabalhos veio a dar à Arquidiocese. Que o diga a simples citação algorítmica: de 10 de Novembro de 1935 a 19 de Junho de 1943 foram ordenados 247 padres formados no esplêndido seminário. Certamente D. José Gaspar, nessas horas de incansável dedicação à santa causa, não esquecia os versos de Camões :

«E tu, padre, de grande fortaleza,
Da determinação que tens tomada
Não tornes por detrás pois é fraqueza
Desistir-se da causa começada.» (Lus., C. I - Estr. 40.)

A inauguração festiva do Seminário realizou-se em 19 de Março de 1934, dia de São José, por inspiração do reitor de igual nome. É, portanto, muito de propósito que procuramos esta data, 19 de Março, para esta tomada de posse, tendo como patrono o estimado Arcebispo tão cedo levado à Mansão Celeste.

Por tantos e tão abençoadas obras, D. Duarte, já vencido pelo cansaço e pela moléstia, foi sãbiamente buscá-lo como **baculum senectutis**, propondo-o para Bispo Auxiliar da Arquidiocese de São Paulo. A bula de nomeação é de 28 de Fevereiro de 1935, com o título de Bispo de Barca.

Da circular de apresentação do novo Bispo Auxiliar, em 14 de Abril de 1935, salientam-se os seguintes excertos da pena requintadamente estilizada de D. Duarte :

«Não lhe foi preciso guindar-se à ribalta de exibições vistosas, para que o soubéssemos sacerdote de singulares virtudes. Bastou-lhe o silêncio do seminário, onde, a par de generosos moços que o idolatravam, se lhe aprimorassem os dotes de coração, para que, mercedamente o subíssemos à nossa admiração e simpatia.»

E termina compensado pela justeza da escolha :

«Já podemos respirar. Já podemos beber com os ardores da nossa fé, as primeiras auras da Eternidade. Bem vinda seja ela ! »

Tinha razão o velho Arcebispo, a respeito da humildade do seu escolhido, pois em 4 de Outubro de 1934 ingressara na V.O.T. de São Francisco da Penitência, a fim de observar as regras da mais humilde das Ordens Terceiras.

D. Duarte ofereceu um almôço ao novo Bispo no dia da sagração, realizada com pompa litúrgica na Igreja de Santa Cecília, em São Paulo, 28 de Abril de 1935, — almôço que contou com a presença dos pais, irmãos, bispos e amigos do novo bispo, bem como do seu paraninfo, o ínclito Embaixador José Carlos de Macedo Soares, — chanceler da Paz Sul-Americana.

Nessa ocasião, pôde D. José Gaspar agradecer a sua escolha, revelando com enternecimento, que, ao ajudar algumas vezes a missa de D. Duarte, no Colégio de Itu, impressionado com a piedade com que o oficiante fazia a consagração e elevação, passou a determinar-se decisivamente: «Devo e preciso ser sacerdote.»

Não esquecendo a nobre cepa, o torrão natal, a cidade-presepe incrustada nas freixas da serra da Canastra, dedicou o seu primeiro pontifical, em 5 de Maio de 1935, à Matriz de Araxá, onde distribuiu «santinhos» com as seguintes carinhosas frases aos seus conterrâneos :

«Derrame Deus Nosso Senhor sôbre o querido Araxá e sôbre suas Autoridades, seu povo, suas famílias, suas associações religiosas, suas criancinhas, sua mocidade, seus doentes, seus pobres, seus ricos, suas Igrejas, suas casas, suas fazendas, seus campos, suas montanhas, seu comércio, sua indústria e seu progresso as melhores bênçãos dos céus — tais são os votos e as preces do 1º Bispo Araxaense, no dia do seu 1º Pontifical celebrado na Igreja Matriz.»

De imediato se via que ali na Cúria, a acolitar o querido Arcebispo, estava um môço ardoroso, um crente e um forte na acepção mais alta da palavra. Em 8 de Setembro de 1935, poucos meses após a sagração, promoveu, com solicitude inaudita e desvêlo sem par, uma romaria a Aparecida, a maior peregrinação até então realizada, calculando-se em mais de 100.000 fiéis os que de madrugada até à tarde desfilaram aos pés da Virgem Padroeira, tendo como locutor a dirigir e estimular os peregrinos o Bispo D. José Gaspar que, em 12 horas ininterruptas, ocupou os alto-falantes.

Apresente-se D. José, em seus transportes radiofônicos, descrevendo o admirável espetáculo de fé que foi essa Romaria à Basílica da Aparecida:

«É a alma do povo, sempre sofredora e sempre crente, falando sua linguagem simples e verdadeira a Nossa Senhora. Alguns trazem suas orações de agradecimentos pelos favores recebidos; outros arrastam seus penares para implorar sôbre eles o suave olhar de Maria, e quantos não vêm carregados pela esperança, apenas para buscar aos pés da Virgem Imaculada um pouco de resignação que adoce os seus padecimentos! Cada qual tem sua história dolorosa que é também a história de todos nós, mas que sempre há de parecer nossa e só nossa. A procissão, lenta e vagarosa, sobe cantando. As velas baloiçam no ar frio da manhã suas chamas inquietas e medrosas. No alto das tôrres os sinos reviram-se nos carrilhões, golpeiam-se furiosamente na ânsia generosa de confiar às brisas que passam mansamente os sons que andaram compondo nas longas horas de silêncio vividas nas sítieras. E as brisas se vão carregando as harmonias e espalhando-se pela serra, pelo vale, pelas estradas, pelos povoados, pelas chácaras e pela cidade! A claridade se apressa nos cimos da Mantiqueira, e neste esplendor de sons e de luz matutina, o povo só se lembra de louvar Maria, repetindo sem se cansar, sem os sentir monótonos, os mesmos versos de sempre:

«Viva a Mãe de Deus e nossa — sem pecado concebida

Viva a Virgem Imaculada — A Senhora Aparecida!»

O museu da Cúria conserva a válvula que serviu à Rádio Record para diretamente da Basílica da Padroeira do Brasil, fazer ouvir em todos os rincões da Pátria os cânticos litúrgicos, pregações e preces da grandiosa peregrinação. Serviu ao mesmo tempo, essa apoteose de fé, para dar a D. José Gaspar a animação necessária a empreender, com clarividência para a época, uma ampla campanha pelo rádio em prol das inúmeras obras em andamento pela Arquidiocese.

Confiou-lhe, logo a seguir, o cardeal Leme, Arcebispo do Rio de Janeiro, a delegação de representar o Episcopado Brasileiro na posse do 1º Cardeal argentino — o Arcebispo Santiago Luis Copello, de Buenos Ayres, no que se houve com muito brilho.

Dáí em diante, foi um nunca acabar de iniciativas por D. José Gas-

par tomadas e por D. Duarte acoroçadas, visando ao desenvolvimento das obras da Igreja e tendo sempre por base a cultura religiosa.

Cuidou com empenho da melhoria de vida e assistência social dos operários e humildes, dando êle mesmo pessoalmente exemplo de altruísmo, desfazendo-se integralmente de suas reduzidas dotações em favor dos pobres e doentes que amiúde visitava. Neste particular, vêm a calhar, estas palavras de suas pastorais, precavendo os católicos contra o malbaratamento das subvenções e auxílios, como se lê textualmente :

«Precisamos dar aos carecidos o necessário, não o supérfluo. Tudo quanto com êstes se gasta redundará em prejuízo daquele e, pois, em dano de muitos outros indigentes. Dêmos o necessário a todos e não a poucos com a privação de muitos.»

O padre Jerônimo Vermin, que foi devotado Diretor Arquidiocesano dos Círculos Operários, chamou mais tarde D. José Gaspar de **Arcebispo dos Operários** e acentuou :

«D. José Gaspar de Affonseca e Silva passará à História tomando lugar de honra na coroa refulgente dos prelados, que, em redor de Leão XIII e Pio XI, trabalharam pela realização do programa social da Igreja Católica, e da volta da grande classe trabalhista a Cristo, Chefe Supremo e modelo máximo dos Operários ! »

Oh ! como é diferente essa congregação de almas, trescalantes de incenso que purifica e eleva aos céus, dêsse conglomerados de massa escrava, portadores dos baixos malsãos das vastidões cítricas, onde a liberdade tão cara tem o ingresso impedido pelo muro da vergonha !

Outrossim, compenetrado da função moral e cívica das forças armadas, e não esquecendo a Fôrça Pública, êsse baluarte da defesa paulista, como tem sido galhardamente demonstrado nesta casa pelo Coronel Tenório de Brito, solicitou o Arcebispo e obteve em 5 de Julho de 1942, do governo a criação, sob a invocação de Nossa Senhora Auxiliadora, da Capelania da Fôrça Pública Estadual.

Ao falecer D. Duarte, em 13 de Novembro de 1938, cessadas pelos cânones da Igreja as funções do Bispo Auxiliar, colocou-se D. José Gaspar em retiro voluntário na vila de Itanhaém, onde mais ainda se evidenciaram as suas práticas piedosas, como que seguindo a trilha do venerável Anchieta, o santo irmão jesuíta que, inspirado, compunha nessas areias praianas versos carismáticos em louvor à Virgem Maria.

Reproduza-se o que descreve o cintilante Tristão de Ataíde sôbre essa passagem da vida de D. José Gaspar :

«Ao longe, no alto do **jundum** fronteiro à casa de férias da J.U.C., um vulto negro, imóvel, braços possantes cruzados sôbre o peito, olhar cravado no mar, cabelos ao vento do largo que não cessa :

— «O oceano ! Que imagem da grandeza divina ! Que figura da vida que não cessa, do esforço milenar do homem, da paciência humana, da luta imemorial da espécie ! Não me canso de olhar para o mar.»

Palpitando, quem sabe, naquele presentir misterioso, que êsses abismos insondáveis iriam consumir-lhe a vida!

Nesse recesso em que mais se exercitou o seu fervor religioso, quando foi um verdadeiro franciscano que só tinha de seu para viver algumas mingadas espórtulas de almas católicas, as quais como auxílio o faziam rezar missas votivas, procurou escrever a vida de D. Duarte, «porque, dizia, nem todos o conheceram bem, e é preciso que se saiba que o grande Arcebispo era êle.» Dom José Gaspar não conseguiu levar a termo o seu propósito de escrever essa biografia. Alinhou umas poucas páginas. O retiro em Itanhaém foi breve. Depois como Arcebispo não lhes sobrou mais vaga para o intento.

Quiz Deus que os dois Arcebispos, essas duas almas estivessem sempre juntas. Na cripta da Catedral Metropolitana, ao lado dos doze Bispos da Diocese, jazem seus despojos mortais. Na praça que a Prefeitura abriu no próprio local em que estava o Palácio Arquiepiscopal de São Luís, — praça que tem o nome de D. José Gaspar, há uma cruz marcando o local onde os dois primeiros Arcebispos de São Paulo D. Duarte Leopoldo e Silva e D. José Gaspar de Affonseca e Silva liam o breviário.

Nesse retiro de Itanhaém, pôde D. José identificar-se com a vida de Anchieta, para quem reivindicava o mesmo que é o «leit-motiv» desta casa, o estribilho aqui sempre repetido, com referência àquela sotaina abençoada. Apela D. José, certa vez às Filhas de Maria, que:

«... auxiliem a resgatar da ingratidão e trazer para o lugar que lhe cabe, no pedestal a que êle tem direito, o nosso primeiro professor, o nosso primeiro poeta: Padre Anchieta. Êste grande vulto cívico-religioso está no esquecimento. Os paulistas poderão esquecer o seu Padre Anchieta, o fundador dêste povo paulistano que é uma das glórias do Brasil? É preciso que São Paulo, pelos seus estudantes, pelo seu povo todo, vibre na consagração das virtudes dêsse Padre. E depois continuaremos a arrancada, até a canonização dêste santo que é quase paulista, que é o pai dos paulistas.»

Em 1º de Agôsto de 1939, a Santa Sé escolheu a Dom José Gaspar de Affonseca e Silva para suceder a Dom Duarte no solo arquiepiscopal de São Paulo. Nesse alto posto demonstrou exuberantemente o seu devotamento, a ponto de lhe observarem os mais íntimos que repousasse, ao que, talvez prevendo a brevidade de sua vida, respondia:

— «Descansar só no céu!»

Não houve, então, nenhum setor de atividade religiosa, social ou cultural que não recebesse o influxo direto do admirável Arcebispo. Era a ação personificada ou melhor santificada, pois tinha em tudo que empreendia o pensamento voltado para a Igreja e as suas sábias diretrizes.

A série inumerável de obras executadas em sua gestão é de todos conhecida e **urbe et orbi** difundida, de modo que nos cingimos a resumir a sua ação em três capítulos de mais realce ou de mais impressão nos fastos gloriosos de São Paulo, no tríptico — **A Guerra, a Catedral, o Congresso Eucarístico.**

Mal havia D. José Gaspar assumido o múnus arquiepiscopal, festejada que fôra a sua elevação, quando um mês após irrompeu tremenda a guerra de 1939, infligindo aos povos tôda a sorte de castigo e humilhação «sumamente aflitiva, como talvez nunca o tenha sido tanto em tôda a histó-



ria do mundo», no dizer do Arcebispo, que também exclamava pesaroso :
«Melancólico e tristíssimo o caso de uma civilização que banii o nome de Deus das convenções internacionais !»

Mais tarde, ao entrar o Brasil na guerra, mostra em carta pastoral, por sua vez, o seu alto espírito cívico, quando justificava patriòticamente a nossa posição :

«O infortúnio que tanto temíamos chegou-nos à porta. Pacíficos por índole e formação, vivíamos despreocupados da monstruosa guerra que ao longe devorava os contingentes. Quantos não pensavam ser possível ao Brasil subtrair-se à carnificina mundial ! Em vão porfiou o Govérno por conservar-se alheio ao conflito.»

Recomendendo, então, preces, acrescentava :

«Santifiquemos esta guerra, aceitando as provações que nos traz e os sacrifícios que de nós requer, o que tudo servirá para expiarmos as muitas faltas com que agravamos a Deus. Rezemos fervorosos pela união e disciplina do nosso povo, pela vitória das nossas armas e pelo breve advento da paz que se funda na Justiça.»

Não obstante as dificuldades decorrentes da guerra, não trepidou um só momento em continuar a grande obra por D. Duarte iniciada — a Catedral.

Certamente, contagiado pelo entusiasmo do seu antecessor, quando incentivava os seus fiéis diocesanos, nestas páginas arrebatadoras :

«Saibam os paulistas de amanhã que a fibra do bandeirante, lutador e intemorato, não se enfraqueceu nos confortos da vida moderna, como não se entibiou a sua fé nos esplendores da ciência e da civilização. Por uma lei física e fatal São Paulo há de sempre caminhar na vanguarda, tem a cumprir uma missão política e social, e a sua hegemonia civil e religiosa, já não pode ser contestada.

Pois bem, o monumento artístico e religioso, que breve se há de erguer na colina do Venerando Padre Anchieta, há de ser o sêlo dessa imensa e poderosa grandeza. E eu me ponho à frente dêsse tentâmen, com o calor da minha fé cristã e com todo o entusiasmo da minha alma paulista !»

Como nos dizia o Padre Sabóia de Medeiros, D. José Gaspar «era um profundo, porque via longe. Estava pensando nos problemas da civilização contemporânea e nos possíveis dados a resolver no após-guerra, donde seu apoio às iniciativas em tórno do ensino técnico e os seus planos de uma ampla atividade da Igreja na educação técnica do povo, progressivamente, até prever realizações no terreno da Engenharia.»

Quem sabe estaria nesse amor às cousas da Engenharia e da Arquitetura, a explicação por que em algum tempo ficou estacionária na Catedral, a cumieira do transepto, quase na altura do zimbório. Dir-se-i que o apêgo de D. José à arte gótica o indispunha a que, com a cupula romana, se maculasse o estilo ogival em tôda a sua pureza, como antes se rebelara D. Duarte con-

tra a insinuação de se apressar, com o auxílio do cimento armado, a construção da Catedral que hoje, para orgulho nosso, é o maior bloco de cantaria dêste século, superior mesmo à do **Vale dos Caídos**, em Espanha.

Curioso é que também se omitissem, entre beirais e coruchéus, as quimeras, ou monstros fantasmagóricos, que se encontram nas velhas igrejas medievais. Representaria essa falta, talvez, uma demonstração de que São Paulo, realidade surpreendente da época atual, não admite quimeras, nem sequer as que comumente amaciam com a sua movimentação arquitetônica as moles de granito dos templos que, nas ogivas, reproduzem as mãos em prece.

Ao admirar a opulência terminológica insculpida com escopro artístico por Altino Arantes sobre a Catedral de São Paulo, não se encontra o menor reparo a êsses dois pontos.

E foi assim que a obra tão ardentemente almejada por D. Duarte, cresceu, continuou em mãos de D. José Gaspar, e está sendo arrematada com santo empenho pelo grande Cardeal Motta, que nunca, nem mesmo em quadra de crise financeira teve dificuldade em contar com o povo paulista para a sua Catedral. É que em lugar da Torre de Babel, que na sua soberba, procurava galgar as alturas infinitas, as torres da Catedral, só pretendem cortar as nuvens movediças que nos inquietam, e descortinar a abóbada azul recamada do ouro das estrélas, trasflor divino, colimando, assim, o Norte de nossas diretrizes através da baliza do Cruzeiro.

Como se não bastasse essa ciclópica empreitada, dedicou-se a outra de maior porte, e, sem esmorecer um só minuto, dispôs-se o Arcebispo a reatizar, em plena guerra, em 1942, o Congresso Eucarístico Nacional.

Dizia êle em pastoral: «Queremos seja esplêndido triunfo de Jesus Cristo.»

E reafirmava com fé viva:

«O próximo 7 de Setembro deverá ter em São Paulo sua máxima glorificação cívica e religiosa. Será o Brasil inteiro a proclamar que nasceu cristão, cristão é e cristão quer ser para todo o sempre.»

A todos recomendava, que juntassem as suas orações, oferecessem «suas dores, suas lágrimas, suas horas de silêncio» para o maior esplendor do Congresso Eucarístico Nacional.

Não foram poucos os obstáculos removidos por D. José Gaspar nessa tarefa sobre-humana, em que aceitou o desafio dos ímpios feito com ameaças e maquinações, a lassidão dos abúlicos e até mesmo as pretensas razões dos comodistas, os quais procuravam dissuadir o Arcebispo, porque diziam ser inoportuna a idéia diante do estado de guerra. A tudo isso respondeu D. José Gaspar de uma maneira perentória e patética, oferecendo, em 27 de Agosto de 1942, precisamente um ano antes de sua morte, a sua vida pelo sucesso dessa manifestação coletiva de fé do povo brasileiro e entregando o Congresso Eucarístico à proteção de Nossa Senhora Aparecida.

Dai por diante não houve mais descanso para o Arcebispo, para o clero e para os fiéis, todos entregues de corpo e alma à atividade febril de efetuar o programa quase irrealizável. Todos, sem exceção, atenderam à conclamação do seu iluminado Pastor, no sentido de santificar a data da Independência com o maior evento religioso jamais registrado em terras da América. O Congresso Eucarístico de São Paulo, no consenso unânime de prela-

dos estrangeiros, revelou-se mais grandioso que outros de âmbito internacional. Ali no vale do Anhangabaú era comovente ver-se a multidão de penitentes, contada por centenas de milhares, ajoelhada, contrita, recebendo a comunhão distribuída por 250 sacerdotes, em meio da àgora imensa e repleta, num silêncio intraduzível, — multidão, que, voltando-se para Deus, invocava com unção a ajuda do Alto :

«Te vimos a buscar, por que achamos
em ti o remédio certo que queremos.»

Lus. CIII — Sot. LXXIX

E por fim a apoteose. No coração de São Paulo, desdobrava-se infinita, aquela procissão triunfante que, na expressão de Tristão de Ataíde, «entre hinos e aplausos cânticos e entusiasmo delirante, em que um povo, atualmente frio e voltado para o chão do trabalho e da luta, se levantava como uma alma só, na mais impressionante manifestação coletiva que jamais haviam visto quase todos os que dela participaram.»

«Com essa condição pesada e dura
Nascemos: o pesar terá firmeza,
Mas o bem logo muda a natureza.»

Lus. CV — Est. LXXX

Morreu em 17 de Outubro, o Cardeal Leme,

«...o velho paulista (no dizer de D. José Gaspar) em cujas veias corria o sangue dos audazes bandeirantes de outrora, não pôde estar conosco, mas ofereceu à sua terra e à sua gente o melhor que do seu leito de sofrimento lhes podia dar naqueles gloriosos dias: tôdas as suas dores pelo êxito das imponentes festas eucarísticas.»

Sôbre a figura exponencial do excelso purpurado, tem D. José Gaspar expressões lapidares de amor filial, extraídas do seu admirável discurso póstumo, um mês após o fatídico desastre, e lido a oração pelo acadêmico D. Aquino Corrêa, na sessão destinada à posse do Arcebispo de São Paulo, na sucessão do Cardeal, no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro :

«O Cardeal Leme foi desses vultos agigantados que raro aparecem nos horizontes de uma nação. Nascido sob o signo da grandeza, talhado para conduzir, sabíamos que naquele coração magnânimo cabia todo o Brasil, com os seus pesares e alegrias, com suas esperanças e realidades. Acendêra-lhe a Deus no cérebro uma inteligência superior que perscrutava o futuro e iluminava o presente.»

Nessa recepção há um trecho do seu discurso que merece ser repetido pela propriedade de linguagem nesta instituição que, como a sua congênere, «tem forais de nobreza e de patriotismo» :

«Espaço e tempo — Geografia e História, ambos aqui se encontram sob as luzes de vossas peregrinas inteligências, provindas de quase todos os quadrantes da Federação, e entregues ao nobre esforço de apalpar os relevos da terra, medir as altitudes das montanhas, desenhar a direção dos rios, registrar as temperaturas do ar, traçar as coordenadas das cidades, numerar os

moradores do país e depois recolher, em anais que nossos filhos lerão, como um catecismo cívico, os gemidos de nossa raça, as esperanças de nosso povo, suas derrotas e vitórias, seus êrros e acêrtos, seus defeitos e qualidades, a vida, enfim, dêste nosso Brasil, como a viveram nossos avós, como a vivemos nós, por entre brumas que escurecem o mundo, e como a desejamos vivida pelos nossos descendentes, prodigiosamente fecundas dentro dos contornos intangíveis da Pátria.»

São também ^{de} estilo, simples, terso e imaginoso, refletindo as doçuras do céu, os que defluem dos conselhos e advertências de suas pastorais, desde a inicial de «Saudação aos Diocesanos, datada de 11 de Setembro de 1939; e mais tarde as coletivas sôbre «A defesa da fé, da moral e da família», em 27 de Novembro de 1940 sôbre «Alguns êrros contra a Fé e a Moral», em 28 de Novembro de 1941; e a última sôbre «O Jôgo, a Dignidade da Família e a Defesa do Brasil», em 20 de Novembro de 1942.

Embora, propositadamente, se alheiasse o Arcebispo das tricas subalternas que constituem a essência da pequena política, nunca, porém, deixou de participar ativamente de tudo que se relacionasse com a alta e verdadeira política, em seus aspectos mais latos, tanto internos como externos. Comprova-o a citação de Assis Chateaubriand, que ao convite ao Arcebispo para, em companhia do Embaixador Macedo Soares e do católico Embaixador Caffery, ir officiar missa em 1942 no Nordeste, na zona militarizada pela guerra, teve dêle pronta resposta: «Que nada poderia negar ao nosso esfôrço de guerra e de aproximação com os Estados Unidos e as suas correntes católicas.» Essa tendência foi, aliás, reconhecida pelo Govêrno Norte-Americano, que chegou a colocar à disposição de D. José Gaspar um avião de guerra, a fim de que êle fôsse pronunciar nos Estados Unidos uma série de conferências, a título de maior entendimento entre católicos das duas nações.

Não se pode concluir uma resenha da vida frutuosa e exemplar de D. José Gaspar, olvidando-se algumas passagens de sua vida íntima.

A perfeição cristã transparece da lição que teve D. José Gaspar, em menino, ao perguntar ao seu aio, prêto velho, que parou na estrada para rezar ao pé de uma cruz: — «Que cousa V. pediu a Deus? — Nhonhô, a gente só deve pedir a Deus uma cousa tôda a vida, é fazer a vontade dêle.»

De D. Paulo Rolim Loureiro, seu secretário e hoje Bispo de Mogy das Cruzes, obtivemos estas preciosas lembranças: Certa vez, uma pobre mãe de 9 filhos, procurou o Arcebispo para receber dêle uma palavra de consôlo, diante de mais uma desdita — um dos filhos ficara leproso. A resposta não se fêz tardar: «Um dia, sem que se fizesse anunciar, diz a mãe angustiada, batem à minha porta. Vou abrir e com suprêsa vejo um padre. Era o Arcebispo que vinha visitar meu filho doente. Entrou, conversou longamente com o pobre enfêrmo, consolou-o e fêz dêle um grande resignado. Saído o Arcebispo, disse-me o doente — Mamãe, feliz a hora em que Deus me mandou essa doença.»

Vai bem nestas despretençiosas notas biográficas a gema de raro quilate que é o seu testamento, escrito em 2 de Novembro de 1941, véspera de partir para o Chile, onde fôra representar o Brasil em reunião católica:

«Em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo.

Ignorando o dia de minha morte, com o mais completo e absoluto espírito de filial submissão, aceito o modo e a data de minha morte que Deus me houver designado. Declaro, para evitar qualquer inconveniente para a administração eclesiástica do Arcebispado de São Paulo, que nada possuo atualmente. Quando fui nomeado Arcebispo, eram meus apenas as roupas de uso, um automóvel «Pontiac» que comprei quando Bispo-Auxiliar e a minha pequena bibliotéca, que formei quando professor do Seminário. Tudo isto, entretanto, doei em vida ao Palácio São Luís. **Nada tenho e nada possuo atualmente.** Tudo quando se encontra no Palácio, na Vila Betânia ou na Cúria em meu nome, pertence exclusivamente ao Arcebispado.

Espero, pois, que minha família, fiel ao seu proceder de em nada se envolver dos negócios eclesiásticos, nada reivindique para si e nenhum obstáculo venha a criar ao Arcebispado.»

Indelevel documento de fé e de simplicidade cristãs. Que lição para os não resignados, **indociles pauperiem pati**, e mais ainda para os muitos que, nesta época de inflação e de injustiça, em sua cupidez desaçaimada, querem tudo dos que pouco ou nada possuem !

E na manhã de 27 de Agosto de 1943, seguia D. José Gaspar de avião com destino ao Rio de Janeiro para a cerimônia de posse do Arcebispo D. Jaime de Barros Câmara que a Santa Sé escolheu para suceder naquele sólio ao Cardeal D. Sebastião Leme da Silveira Cintra. Estava, porém, nos designios de Deus colhêr a grande alma de D. José Gaspar nos céus da Guanabara, onde ao aterrissar o avião se espedaçou, chocando-se com a torre da Escola Naval.

Na mesma ocasião foram vitimados os dois sacerdotes que acompanhavam o Arcebispo — Monsenhor Alberto Teixeira Pequeno e o Padre Nelson Norberto de Souza Vieira, os quais em santa unidade segundo o lema do brazão de D. José Gaspar — **Ut Omnes Unum sint**, conforme o depoimento de raros sobreviventes do desastre, tiveram atitude de estoicismo cristão nesses instantes cruciais, ouvindo-se até o último instante a exortação do Arcebispo — **Lembrem-se de Deus, lembrem-se de Deus.**

Imenso pesar salteou o coração de São Paulo nessa trágica manhã, quando pereceram com o Arcebispo as esperanças que os seus quatro fecundos anos de pastoreio prometiam.

Compreende-se, pois, que o entêrro de D. José Gaspar, da Igreja de Santa Ifigênia, onde por 3 dias e 3 noites, desfilou o povo, em contínua procissão, até a Cripta da Catedral fôsse acompanhado por todo o São Paulo em soluços. É que todos, partilhavam da exclamação filial de Mons. Lafaiette: «Morreu como sempre viveu, nas alturas.»

Por certo, nesse momento derradeiro, lembrou-se o jovem e virtuoso Arcebispo, do Congresso Eucarístico e a Deus se apresentou jubiloso :

«... Eis, aqui venho oferecido,
a te pagar co'a vida o prometido.»

Lus. CIII — Est. XXXVIII

(Colaboração do BANC
Composto e im

Biblioteca Pub Mun Araxá/MG



1325

Notas biográficas sobre o Arc